

EDITORIAL

LITERATURA E MÍDIA

As transformações sociais ocorridas ao longo dos séculos modificaram profundamente o estatuto da literatura, especialmente em sua relação com os meios de comunicação de massa. O entrelaçamento entre literatura e mídia, longe de representar uma simples coexistência, configura-se como um processo dinâmico de intercâmbios, tensões e ressignificações que moldam tanto as formas de produção e circulação literária quanto os modos de recepção e legitimação cultural.

Desde a invenção da imprensa moderna, no século XV, a literatura passou a operar em estreita associação com os meios de reprodução técnica da linguagem escrita. No século XIX, com o advento do folhetim, assistimos à emergência de uma literatura seriada, produzida para os periódicos e voltada ao consumo em massa. Autores como Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Machado de Assis e José de Alencar exploraram esse formato, adequando a estrutura narrativa à lógica editorial e comercial dos jornais. Esse processo é emblemático do que Roger Chartier (1998) denomina de “formas de apropriação”, ou seja, maneiras pelas quais os leitores se relacionam com os textos a partir dos suportes materiais e das práticas sociais de leitura.

A consolidação da indústria cultural nos séculos XX e XXI intensificou o diálogo entre literatura e mídia, especialmente com a expansão dos meios audiovisuais. A televisão, o cinema e o rádio, embora inicialmente vistos como concorrentes da literatura escrita, revelaram-se também espaços de apropriação e transposição literária. Conforme aponta Theodor Adorno (1995), a lógica da indústria cultural tende a homogeneizar os produtos simbólicos, transformando-os em mercadorias intercambiáveis. No entanto, essa visão crítica pode ser relativizada quando se observa o potencial de reinvenção estética proporcionado pelas adaptações literárias para o cinema e a televisão, que reconfiguram as obras em novos códigos e formatos, mantendo — ou subvertendo — sua essência narrativa.

Com a emergência das tecnologias digitais e das redes sociais, observamos uma reconfiguração ainda mais profunda da esfera literária. A literatura digital, os *blogs* literários, as plataformas de autopublicação e a presença de autores em redes como *X*, *Instagram* e *TikTok* modificam a figura do autor, a dinâmica editorial e os modos de legitimação e mesmo a crítica, como aponta Leyla Perrone-Moisés (2016). Ao discutir o conceito de “cultura da convergência”, Henry Jenkins (2009) destaca que os conteúdos circulam por múltiplas plataformas de forma interativa e participativa, implicando transformações significativas na forma como as histórias são contadas e apropriadas pelas audiências. Nesse novo ecossistema, a literatura torna-se cada vez mais uma experiência multimodal, aberta à colaboração e à performatividade.

Além disso, a mediação midiática influencia decisivamente o valor simbólico da literatura no campo cultural. O *marketing* editorial, os algoritmos de recomendação, os prêmios literários e a figura dos “influenciadores literários” transformam o livro em um produto inserido nas dinâmicas do consumo cultural contemporâneo. Pierre Bourdieu (1983), ao teorizar o campo literário, já alertava para a existência de uma “economia simbólica” que regula os capitais culturais, distinguindo entre autores mais voltados à autonomia artística e aqueles integrados às lógicas de mercado. No contexto digital, essa tensão se intensifica, uma vez que a visibilidade está cada vez mais condicionada à lógica algorítmica das plataformas.

Por outro lado, a literatura continua a exercer uma função crítica e reflexiva sobre os próprios meios de comunicação. Narrativas distópicas, como *1984*, de George Orwell, ou *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, antecipam os impactos da mídia na formação de subjetividades e no controle social. Walter Benjamin (1994), em seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, já advertia que os meios técnicos alteram a experiência estética e o lugar da arte na sociedade, dissolvendo a “aura” da obra única. Essa reflexão continua pertinente diante da proliferação de textos e imagens na cultura digital, que tensiona os limites entre original e cópia, arte e entretenimento, literatura e conteúdo.

Cabe destacar, ainda, que as relações entre literatura e mídia não se dão de forma neutra, mas se inscrevem em contextos de poder e disputa simbólica. O acesso aos meios de produção e circulação textual, bem como os critérios de legitimação cultural, são historicamente marcados por desigualdades sociais, de gênero, raça e classe. Nesse sentido, pensar as articulações entre literatura e mídia é também pensar os modos de constituição e exclusão de vozes no espaço público contemporâneo.

Em suma, as interações entre literatura e mídia configuram um campo de estudo interdisciplinar e em constante mutação. Longe de representar uma ameaça à autonomia da literatura, essas relações a desafiam a reinventar-se, a ampliar seus horizontes formais e a rearticular seu lugar no tecido cultural. Compreender essa dinâmica é essencial para uma crítica literária que deseje permanecer relevante frente às transformações tecnológicas e comunicacionais do presente, e é um pouco disso que o leitor encontrará nas contribuições que compõem este número dedicado às interrelações entre Literatura e Mídia, considerando suas múltiplas dimensões históricas, estéticas e socioculturais.

A escolha do tema para o presente dossiê da *Revista Jangada* teve origem na realização do II Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa Literatura e Mídia¹, em outubro de 2024. O grupo, que reúne projetos de pesquisa, ensino e extensão voltados para as relações entre a literatura e os meios de comunicação — como a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema e a internet —, tem como objetivo promover o diálogo entre essas instâncias, considerando as influências materiais, a historiografia, o ensino e a crítica cultural.

Nesse segundo encontro, o grupo trouxe à tona diferentes vertentes das pesquisas desenvolvidas por seus integrantes: algumas enfocando as interlocuções entre literatura e cinema; outras, a ficção seriada em plataformas de *streaming*; outras ainda - a maioria dos trabalhos - centrando-se na discussão envolvendo literatura e imprensa tradicional. Esses estudos buscam teorizar os intercâmbios, as tensões e até mesmo os hibridismos que caracterizam a escrita literária em sua interface com os meios de comunicação.

O evento contou com a participação da Academia de Letras de Viçosa, na pessoa de sua presidente, a escritora Rozimar Gomes da Silva Ferreira, que atuou como mediadora da Mesa dos Escritores, composta por Lenita Barreiro Carneiro e José Vecchi de Carvalho. O encerramento foi realizado em parceria do grupo “apruma.sarau”², que promoveu um *pocket-show*, e estudantes da graduação encarregados do lançamento de *O Corvo*: revista literária dos estudantes do curso de Letras da UFV.

Voltando-nos para a organização do presente dossiê, o primeiro artigo, intitulado **Carmen Dolores: uma voz dissonante na Belle Époque**, de Alvaro Santos Simões Junior,

¹ Cadastrado no Diretório do CNPq desde 2018, o grupo está vinculado ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa.

² Perfil do apruma.sarau no instagram:

https://www.instagram.com/apruma.sarau?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=MWo2ZmJrN3pkbGlkOA==

versa sobre Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo, que criticava o caráter das reformas antipopulares de Pereira Passos. Dolores alcançou reputação de cronista corajosa com sua coluna dominical “A Semana”, publicada no matutino *O País* de 1905 até sua morte em 1910, quando alimentou breve polêmica com Olavo Bilac, que talvez tenha sido, na imprensa, o principal defensor do Bota-Abaixo.

Na sequência, em **De Roma para o mundo: a recepção crítica dos reviews nas versões filmicas de “Coriolano”, de William Shakespeare**, Reginaldo Francisco Santos Dudalski e Adélcio de Souza Cruz analisam duas versões fílmicas da peça *Coriolano* (1607-08) a partir da recepção do público. Ao fazê-lo, utilizam *reviews* desses filmes disponíveis na internet. Por sua vez, Natália Gonçalves de Souza Santos, em **Liberalismo e comparatismo na crítica acadêmica paulista do século XIX** discute a recepção acadêmica aos primeiros estudos comparatistas que começaram a circular na Faculdade de Direito de São Paulo em meados do século XIX, os quais, provenientes sobretudo da França, foram desenvolvidos no seio das cátedras de literaturas estrangeiras, criadas em Paris, em 1830.

Figurações do pedinte de opa na obra de Machado de Assis, artigo de Silvia Azevedo, versa sobre o pedinte de opa, um dos tipos humanos que povoavam as ruas do Rio de Janeiro do século XIX, tema que atravessa a obra de Machado de Assis revelando uma metamorfose calcada na linguagem das fisiologias, na associação entre memória e a intertextualidade e na interpretação alegórica de fatos históricos, a exemplo de sua aparição em *Esau e Jacó*. Na sequência, Rafaela Faria Vianna, em **O trágico, o humano e o robótico na série Westworld: reflexões sobre a ficção de streaming**, reflete sobre a ambiguidade constitutiva da tragédia grega, elaboradas pelos helenistas Jean-Pierre Vernant e Bernard Knox, para pensar na forma como conflitos entre o humano e o robótico são retratados na série.

Em **Literatura e cinema: personagens de Lúcio Cardoso e Paulo César Saraceni**, Laura Cabral Tôrres e Joelma Santana Siqueira tratam da adaptação que Paulo César Saraceni fez do romance *Crônica da Casa Assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso, a partir de matérias e entrevistas publicadas em jornais. Também destacam a recepção do filme *A casa assassinada* (1971) nos jornais cariocas *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*, demonstrando como a adaptação foi inicialmente percebida na imprensa. **Suzanne Landgard, conhecida como La Garçonne: a trágica aventura de Paul Grappe na Paris dos Anos Loucos**, artigo de Dirceu Magri, traça o percurso da personagem e analisa como a sua trajetória foi acompanhada pelos diferentes periódicos da época e como viria a ser apresentada em obras como *La Garçonne et l'Assassin. Histoire de Louise et de Paul, déserteur travesti, dans le Paris*



des années folles, de Fabrice Virgili e Danièle Voldman (2011), a história em quadrinhos *Mauvais genre*, de Chloé Cruchaudet (2013), e o filme de André Téchiné, *Nos années folles*, de 2017. Esequiel Gomes da Silva encerra a seção *Dossiê* com **Maracutaiais e proteção: os eleitos da elite imperial sob o olhar de Artur Azevedo**, artigo no qual revela como a partir de algumas crônicas publicadas por Artur Azevedo, nos jornais *Diário de Notícias* e *Novidades*, entre os anos de 1885 e 1889, na seção “De palanque”, e outros textos recolhidos na imprensa diária fluminense, algumas práticas indiciam um possível apadrinhamento em instituições do império, além de discutir como a postura do cronista maranhense, permeada de ironia e deboche, fez de sua seção diária um instrumento de combate às mazelas que tanto o incomodavam.

A seção *Varia* traz duas contribuições: a primeira, de Victor Luiz da Rosa, **Salão de poses: Machado de Assis e a moda**, sustenta que o romancista não apenas se valeu da centralidade da moda como fenômeno cultural próprio à modernidade como lança a hipótese de que chegou a elaborar, em sua ficção, uma espécie de teoria do assunto; a segunda, **Fundamentações teóricas do ensino de literatura**, de Renan Salmistraro, analisa as perspectivas teóricas predominantes nas reflexões sobre o ensino de literatura na escola a partir de três abordagens principais: uma idealista, outra humanizadora e uma terceira relativista.

Este número traz ainda a seção *Relatos de experiência* com **Projeto ComVida: quando a literatura dialoga com o jornalismo**, contribuição de Laene Mucci Daniel, que apresenta o projeto de extensão “ComVida: relatos em Jornalismo Literário” - iniciado em 2021, durante a pandemia de Covid -, assim como a sua metodologia de trabalho e formatos midiáticos.

A seção *Arguições* apresenta **Carta à Lygia Fagundes Telles**, texto de Bruno Cuter Albanese sobre a dissertação de Geovanna Luzia Limpo dos Santos, cujo objeto de estudo é a obra de Lygia Fagundes Telles. Bruno constrói sua resenha a partir de sentimentos e afinidades, traçando um espelhamento delicado entre a autora da dissertação e a própria Lygia Fagundes Telles, figura central do estudo.

Por fim, duas resenhas que tiveram como ponto de partida a participação de escritores mineiros no II Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa Literatura e Mídia: na primeira, intitulada **O real e o sobrenatural em “Remanso do horror” e “Remanso do horror: o casal espectral”**, de Lenita Barreiro Carneiro, Patricia Pereira de Sousa descreve e analisa as obras mencionadas no título, publicadas respectivamente nos anos de 2021 e 2023, e conclui que “os dois livros de Lenita Barreiro Carneiro mostram que os gêneros horror e mistério têm solo fértil na nossa literatura contemporânea de ficção”. Na segunda resenha, **O grito amarelo**, Joelma

Santana Siqueira analisa o livro homônimo de contos de José Vecchi de Carvalho, e afirma que, nos contos ali reunidos, “a escolha por uma narradora ou um narrador em primeira pessoa, contribui para aproximar o leitor da matéria revivida”, revelando o tom memorialista que marca os narradores de Vecchi Carvalho.

Concluimos convidando o leitor a explorar cada uma dessas contribuições, certos de que encontrará reflexões, descobertas e argumentos capazes de enriquecer sua leitura e sua experiência crítica.

Dirceu Magri – GRUPEBRAE-IEA/USP
Esequiel Gomes Silva – Universidade Federal do Pará
Editores deste número

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. O campo literário. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- MOISÉS, Leyla-Perrone. *Mutações da literatura no século XXI*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.